

**Isadora Almeida Rodrigues**

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

## **Dos valorizadores do corpo: a dança da Cia. Fusion de Danças Urbanas como linguagem de pensamento, memória e esquecimento**

Em Assim falou Zaratustra, Nietzsche chama atenção para a falsa oposição entre corpo e pensamento. Para o filósofo, é um erro valorizar a alma e o pensamento (da forma como comumente é encarado, exercício da mente e apenas dela) em detrimento do corpo, visto que, em sua perspectiva, o corpo é a grande razão. Se, como queria Nietzsche, há mais razão no corpo do que na melhor sabedoria, quem daria maior vazão a essa razão são os bailarinos, que, antes de a filosofia iniciar uma corrente mais profunda e difundida (para além de Nietzsche) sobre um corpo pensante, já construía uma linguagem, uma lógica, uma racionalidade conjugada a uma expressividade corporal e em grande medida dissociada do verbo. A dança é a arte do fora, da pele, do instante, do corpo pensante. É a superfície, vem do fora para o fora, mas, com isso, é capaz de elaborações de grande profundidade. Se, como pensavam Nietzsche e Paul Valéry, o mais profundo é a pele, é possível que se construa pela dança não apenas um pensamento estético, mas também um pensamento sobre a vida, sobre o mundo, sobre o passado, o presente e o futuro. Valorize-se o corpo e se valoriza a existência, a inteligência, a arte e a filosofia. Propõe-se discutir, a partir da filosofia nietzschiana (e de seus sucessores), a maneira como o pensamento, a memória e o esquecimento se constroem no trabalho da Cia. Fusion de Danças Urbanas, companhia de dança oriunda da periferia de Belo Horizonte, cujas obras Quando efé e Pai contra mãe suscitam interessante reflexão sobre memória, identidade, negritude, tradição e inovação.

---